

José D'Assunção Barros¹

A ÚLTIMA DANÇA

A última dança da noite
agora há bem pouco se acabou.
Talvez tenha sido a de um casal feliz
comemorando bodas de amianto.
Ou a do par de namorados
na pista sensual:
ápice do encanto.

Ou quiçá, quem sabe,
não terá sido a despedida triste
de quem finalmente separou?
Áspera véspera do pranto;
linguagem secreta,
mas cifrada,
já de puro
desencanto.

Qual terá sido
a dança que acabou?
Deu-se o derradeiro passo
entre os compassos desta dança
quando, pulsante, a boate desmontou?

Terá sido o passo trôpego e tropeçante
no bolero de um casal de bêbados
cujo fluido abraço os afogou?

Foi dança dada,
valsa paga,
ou lambada
conquistada?

¹ Escritor, músico, historiador e professor na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense, graduado em História e em Música pela UFRJ.

Foi por ela concedida
com tédio, tesão, ou com amor?
Bailou-se ao relento, à luz do mar,
ou sob os frios brilhos de neon?

Quanto aos dançarinos:
exímios foram nos seus passos?
Ou o cavaleiro, um tanto desajeitado,
embaraçou a dama, ainda que no bom tom?

Tudo o que poderia saber já não sei...
senão que a última dança acabou,
e que a noite se vai sorrateira,
enquanto um novo dia
ainda sequer chegou.

Os lixos das boates – cantadas velhas e contas pagas,
cigarros inconclusos... *poemas de mais amor!* –
deslizam na forma leve de papéis e cinzas.
Escondendo-se em cantos tímidos,
fogem céleres da nau metálica
– a mais garrida dos garis –
aquela que atracou.

O horizonte,
entre a noite e o dia,
perde-se sujo naquela cor:
aquele tom cheio de vazios,
vazado frio no calor.

Quanto a mim,
lentamente eu sigo
pensando na última dança
que o giro da Terra não levou.

Data de submissão: 17/05/2024

Data de aceite: 09/04/2025